

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA  
COM ÊNFASE NOS GÊNEROS DO DISCURSO – TURMA II**

**GIOVANI DA SILVA COELHO**

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL PROPOSTA EM JORNAL *ONLINE***

**CRICIÚMA**

**2018**

**GIOVANI DA SILVA COELHO**

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL PROPOSTA EM JORNAL *ONLINE***

Monografia apresentada ao Setor de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, para a obtenção do título de especialista em Língua e Literatura com Ênfase nos Gêneros do Discurso.

Orientador Prof. Mestre. Carlos A. Schlickmann

**CRICIÚMA**

**2018**

**Dedico este trabalho aos meus pais que fizeram desta criança um homem sensato e agradecido, o qual aprendera que toda recompensa é fruto de muito trabalho. Àqueles que, outrora, sequer imaginavam ver um filho na faculdade, tampouco professor.**

## **AGRADECIMENTOS**

Se viajarmos ao passado, traçando os caminhos da reminiscência, veremos que, durante toda a vida, sempre tomamos decisões; algumas relevantes, outras nem tanto. Continuamente, surgem obstáculos inesperados. Uma vez que a pedra obstruiu o caminho, o poeta a poetizou. O bruto, talvez, arremessaria àquele que a deixara ali. De volta à estação presente, o tempo me ensinou a agradecer àqueles que me enveredaram e me trouxeram até aqui.

À professora Ângela Cristina Di Palma Back, aquela que – dentre os demais professores – mais acompanhou meus percalços pessoais e profissionais para me manter vivo academicamente e, por ora, mostrou-se solícita à necessidade acadêmica adjacente em minha formação.

Ao professor André Cechinel, pelas lisonjeiras palavras dirigidas a mim e, sobretudo, por aceitar tal incumbência e me permitir concluir a disciplina Gêneros do Discurso na Abordagem Literária.

Ao professor Carlos Arcângelo Schlickmann, por oportunizar a conclusão desta especialização que, devido a dificuldades de outrora, não pude concluí-la.

Aos meus amigos, em particular Lucas Cechinel da Rosa, pelo apoio, incentivo, parceria e irmandade.

E, por fim, um agradecimento especial à minha noiva, Francieli Guidarini Ferro, pelo companheirismo e resiliência. Dizem que por trás de um grande homem há uma grande mulher... particularmente, não acredito nisso. A grandeza de Francieli sempre foi estar ao meu lado.

### **Pronominais**

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro

*Oswald de Andrade*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a presença de revisão gramatical no gênero textual *Jornal Online*, bem como verificar se os desvios de norma padrão – sobretudo os de Concordância Nominal – interferem na compreensão da notícia expressa. Com o avanço tecnológico, é possível ter acesso a informações sobre qualquer assunto praticamente no tempo em que elas acontecem. A digitalização do jornal possibilitou o surgimento de um novo gênero textual midiático, no qual se podem conferir notícias atualizadas instantaneamente; conhecido também como jornal eletrônico, essa ferramenta tornou-se um instrumento pelo qual se vincula a informação de forma rápida. Em razão de suas características – dinamismo, interconexão em tempo real e veiculação instantânea de notícias – o risco de imprecisão na escrita e falsidade de informações é iminente. Para tanto, uma abordagem teórica acerca do gênero textual *jornal/jornal online* foi realizada com o intuito de conhecer as peculiaridades do gênero e melhor compreendê-lo; um enfoque especial no que tange o emprego da Concordância Nominal também se fez necessário. O cerne do trabalho visa a analisar as ocorrências de Concordância Nominal, ou de outra natureza, existentes em notícias de *Jornal Online*; dentre estes, os oriundos das seguintes páginas: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br) e [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br). Dentre os resultados obtidos, constatou-se que alguns problemas de concordância influenciam na compreensão da notícia; além destes, presenciou-se um grande número de outras incoerências textuais, erros ortográficos e, até mesmo, erros de digitação. No entanto, de maneira geral, existe um aparente cuidado na construção da notícia uma vez que os jornais detêm uma prática de revisão textual antes da efetivação da postagem. Durante o percurso, foi necessário atentar-se ao sentido que o autor/editor queria buscar; inicialmente a investigação, que se direcionava para o viés sintático, acabou transgredindo para o campo semântico. Por fim, esta pesquisa mostrou-se uma excelente prática pedagógica a ser aplicada na sala de aula.

**Palavras-chave:** Gênero textual. Jornal Online. Concordância Nominal.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
2.1 O GÊNERO JORNAL .....	10
<b>2.1.1 Jornal Online .....</b>	<b>15</b>
2.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL.....	18
2.3 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL .....	22
<b>3 RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
3.1 APRESENTAÇÃO.....	31
3.2 ANÁLISE DE DADOS.....	32
<b>3.2.1 Folha Online.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2.2 ClicRBS.....</b>	<b>33</b>
3.3 QUESTÕES E HIPÓTESES.....	38
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde 1836, com o surgimento do primeiro telégrafo inventado por *Morse* – grande avanço tecnológico para a época – o mundo passou a conhecer o noticiário. De lá para cá, apareceram o rádio e a TV que revolucionaram a forma de transmitir a notícia. Atualmente, com o avanço da tecnologia da informação, sobretudo da *Internet*, é possível ter acesso a informações em diversas áreas e sobre qualquer assunto praticamente no tempo em que elas acontecem. A digitalização do jornal, por exemplo, possibilitou o surgimento de uma nova materialidade do discurso, ou seja, um novo gênero textual dos meios de comunicação social, no qual se podem conferir notícias atualizadas em tempo real, facilitando o cotidiano das pessoas. Esse gênero ao qual se faz referência é o *Jornal Online*, conhecido também como jornal eletrônico: instrumento pelo qual se trabalha com a informação de forma rápida.

Como se pode ver, novos modelos discursivos surgem para dar suporte aos processos da linguagem. A *Internet* tem se sobressaído a mídias antigas, afinal o computador mudou as formas de produção e armazenamento de informações. Daí a importância de se conhecer a estrutura de um *Jornal Online*, que tem como características essenciais o dinamismo e a interconexão em tempo real, transformando-se num imenso hipertexto em constante desenvolvimento. Segundo Lévy (1996, p. 34), “o hipertexto representa um suporte digital que permite novos tipos de leitura”. Entretanto, por meio da veiculação instantânea de notícias, há o risco de imprecisão e falsidade de informações.

Os procedimentos discursivos mais utilizados para relatar determinada enunciação, caracterizando assim a polifonia do jornal digitalizado, são os discursos direto e indireto. De acordo com Ducrot (1987, p. 52), a teoria polifônica acontece quando se pode identificar, na enunciação, enunciadores e locutores. Para o discurso direto, reproduzem-se fielmente as palavras do enunciador, criando os efeitos de sentido de credibilidade e autenticidade. Já o discurso indireto, reproduz o conteúdo das falas citadas, isto é, o locutor do enunciado utiliza verbos delocutivos (dizer, afirmar, etc.) para reafirmar o discurso do outro com outras palavras. A citação, estruturada no



discurso direto e indireto, é um recurso utilizado pelo locutor para dar legitimidade ao enunciado. Sendo assim, possibilita o aparecimento de frases com problemas de gramática e, ao mesmo tempo, revela distanciamento em relação ao discurso citado.

Naturalmente, um texto claro, compreensível, agradável, coerente e bem escrito é o que as pessoas desejam ler. No entanto, uma das maiores frustrações – principalmente para quem leciona Língua Portuguesa – é justamente perceber que, em muitas dessas leituras, ocorrem erros inaceitáveis. No gênero supracitado, por exemplo, a causa desse problema pode estar relacionada à maneira como a correção é encaminhada. Na maioria dos jornais do país, o número de profissionais da área em atividade é escasso, quiçá pela péssima remuneração. Pode-se dizer ainda que esses profissionais, que deveriam ter formação na área de Letras, não estão devidamente preparados; outrossim, o ambiente em que estão inseridos não é ideal para realização da função. Em outras palavras, o modo de trabalho dificulta muito o desempenho dos revisores, pois o tempo destinado à tarefa é muito curto.

Para conduzir e nortear a elaboração desta investigação, foram levantadas algumas hipóteses: 1) Considerando a velocidade em que é postada e visando a um número cada vez maior de acesso, existe – do ponto de vista da escrita – o devido cuidado na construção da notícia? 2) Há uma revisão sob a óptica gramatical antes da postagem? 3) Tendo em vista a veiculação instantânea da notícia, qual o risco que se tem de imprecisão e deformidade da informação?

*A priori*, realizar-se-á uma abordagem teórica acerca do gênero textual *jornal online* com o intuito de conduzir uma discussão a respeito das peculiaridades desse gênero e, fundamentadamente, melhor compreendê-lo, traçando, em contrapartida, um paralelo entre a infraestrutura do texto e sua representação de mundo; em seguida, um enfoque especial no que tange o emprego da Concordância Nominal. *A posteriori*, far-se-á uma pesquisa visando a analisar as ocorrências de Concordância Nominal existentes em textos de *Jornal Online*. Dentre estes, os oriundos das seguintes páginas: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br) e [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br). O primeiro tende a informar o público leitor com atualizações diárias; já no segundo, as atualizações de informação são instantâneas. Por fim, analisar-se-ão os dados coletados, buscando responder às

questões levantadas e, ao mesmo tempo, dialogando com a bibliografia relacionada a fim de propor uma discussão que venha ao encontro do problema vigente.

Em síntese, o objetivo desta pesquisa é investigar a presença (ou não) de revisão gramatical no gênero textual *Jornal Online*, bem como verificar se os desvios de norma padrão – sobretudo os de Concordância Nominal – interferem na compreensão da notícia expressa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O GÊNERO JORNAL

O gênero textual Jornal está diretamente ligado ao meio de interação. Segundo Bakhtin (1997, p. 47), é a abordagem enunciativa que dá ênfase ao processo de interação. Tal processo decorre de uma compreensão ativa que o leitor aceita, reformula, contrapõe e complementa as informações do texto conforme seus conhecimentos e experiências.

O autor caracteriza o enunciado de duas formas: a dialogia e a polifonia. A primeira está relacionada com o contexto social, com os textos já conhecidos pelo leitor e com seu conhecimento de mundo. A ligação é feita com as diversas áreas do conhecimento, até mesmo ao processo de leitura e produção de textos. A segunda é a interação escritor/leitor, ou seja, o texto não é constituído apenas de uma voz, a do escritor, mas sim de várias, especialmente em texto de opinião.

Para que o produtor possa convencer o leitor, ele transporta outras vozes e dizeres a fim de evidenciar a veracidade dos fatos expostos. Pode-se dizer que as vozes se cruzam o tempo todo, concordando-se ou não, porém é importante dizer que, nos segmentos discursivos, escritor e leitor estabelecem um diálogo. Ele afirma ainda que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Já Marcuschi (2008, p. 160) considera que “todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas. Por isso mesmo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos”. Ele enfatiza que os gêneros são

eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Em outras palavras, se por um lado o texto refere-se à forma, o gênero está ligado à função que a materialidade linguística textual exerce socialmente.

Segundo Bakhtin (2003),

Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma maneira que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam... As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. (BAKHTIN, 2003, p.283).

Se até mesmo na conversa mais despreziosa, nossa fala é moldada às formas precisas de gêneros, ora padronizados e estereotipados, ora mais maleáveis, plásticos e criativos (BAKHTIN, 1997, p.301), o que dizer do texto escrito? Para Marcuschi (2002, p. 24) o texto é “uma identidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”.

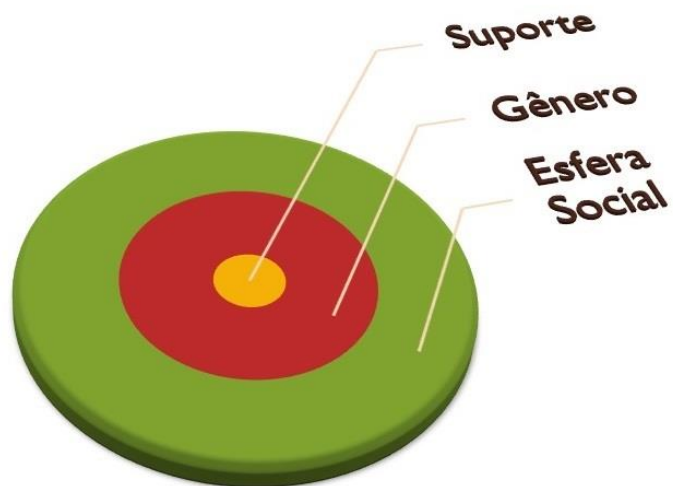
Além disso, a infraestrutura do texto comporta o plano geral do texto, os tipos de discurso e as sequências. Cada tipo de discurso caracteriza-se por um conjunto de unidades linguísticas típicas permitindo uma distinção de quatro tipos: o interativo, o teórico, o relato interativo e o narrativo.

Pode-se dizer que o elemento enfatizado no noticiário é o texto propriamente dito. Portanto, devem-se considerar seus aspectos externos e sua situação de produção definida como um conjunto de representações de mundo, assim tem-se o contexto físico e o contexto sócio-subjetivo. Por isso, muitas vezes, torna-se difícil a compreensão do leitor devido à subjetividade do escritor.

A concepção comumente difundida diz que gêneros textuais são tipos de texto que circulam socialmente; o que faz de um texto ser considerado gênero é justamente sua construção e disposição e o meio pelo qual ele circula, isto é, caracteriza-se pela estrutura específica e função social. Além dos elementos que o compõem, estão presentes a intencionalidade discursiva e os recursos linguísticos, como se pode observar na ilustração abaixo:



Outrossim, todo gênero faz parte da seguinte tríade:



Por essa razão, o jornal é considerado muito mais um suporte que exatamente um gênero. Nele, comportam uma variedade de gêneros textuais com características definidas: manchete, anúncio publicitário, classificado, charge, notícia, entrevista, reportagem, carta do leitor, editorial, artigo, crônica, entre outros.

## Esfera jornalística



No que diz respeito à esfera jornalística, Alves Filho (2006) dialoga com Bakhtin acerca das relações de implicação e determinação entre as noções de autoria e de gêneros do discurso. Ele toma como exemplo um artigo científico, o qual proporciona aos componentes de uma comunidade como uma ferramenta com usos, funções e configurações, possivelmente pré-determinadas; entretanto, ao mesmo tempo, novos usos, funções e configurações poderão surgir a partir do trabalho individual e concreto dos diversos autores. Isso implica dizer que as mudanças sócio-culturais se presentificam e podem ganhar forma no trabalho cotidiano da autoria nos diversos gêneros. Segundo Filho, essas mudanças pelas quais passam os gêneros são mais frequentes e notáveis quando se observam perfis opostos de autores:

de um lado, os autores inexperientes e em estágio inicial de aprendizagem de um certo gênero; de outro, os autores expertos e com alto grau de mestria nos gêneros que utilizam frequentemente. (ALVES FILHO, 2006, p.89).

Nos primeiros, parte dos usos e funções não previsíveis para os gêneros e decorre da própria falta de mestria, de domínio e de conhecimento acerca dos gêneros. Essa fase de aprendizagem e apropriação de um gênero pode revelar funções e usos,

bem como vir a fazer parte do perfil de tal gênero e responder por representações que dele formulam os sujeitos. Nos segundos, os autores, por manejar com segurança e fluência conjuntos de textos, permitam-se redimensionar as funções e estruturas dos gêneros.

Nessa relação entre autores inexperientes e autores experientes, o trabalho da autoria opera mudanças e gera um novo enquadramento enunciativo para um texto, e, conseqüentemente, contribui com o método de relativização da estrutura e das funções do gênero ao qual pertence. Alves Filho afirma que esse tipo de correlação entre autoria e gênero não pode ser explicada com base no conceito tradicional de autoria que o vincula essencialmente ao autor empírico e biográfico. Ele mesmo já havia defendido em outra discussão, tomando-se por autoria

a instância humana e/ou institucional, designada comumente por um nome próprio, sócio-histórica e culturalmente pré-construída mas, ao mesmo tempo, parcialmente reconstruída a cada ato interacional de produção de sentidos, presumida nos gêneros do discurso e tomada como macro-responsável pelo acabamento, pelo intuito discursivo e pelo estilo de um produto simbólico. (ALVES FILHO, 2005, p.93).

O dito acima permite dizer que todos os textos, decorrentes ou pertencentes a quaisquer gêneros, possuem ou admitem autoria e que, mesmo que esta não seja semiotizada, poderá ser inferida ou atribuída pelos interlocutores. Um texto impessoal que fala de si e, ao mesmo tempo, de outrem busca obter o efeito de uma autoria individual, de modo que os interlocutores experimentem a sensação de estar interagindo diretamente com outro indivíduo. Nas práticas sociais de linguagem, o que se dá mais comumente é que a autoria é parcialmente construída durante o processo de produção de um texto oral ou escrito e reconstruída nos atos de leitura dos interlocutores.

O autor enuncia que os jornais diários constituem um excelente material verbal-discursivo para o estudo das correlações entre gênero e autoria. A explicação para as diferentes funções enunciativas entre os editoriais, artigos de opinião, colunas de opinião assinadas e cartas de leitor decorre, diretamente, das diferenças entre o papel da autoria neles desempenhado, e não do estilo, dos temas e da estrutura composicional. (ALVES FILHO, 2006, p. 97).

### 2.1.1 Jornal Online

Considerado uma versão *online* do jornal impresso, tem como objetivo criar, de forma oportuna, mais oportunidades para que as publicações possam atingir um alcance maior de público no que tange a apresentação de notícias de última hora. Por ser uma extensão do jornal impresso, a versão *online* é muito parecida com os exemplares vendidos nas bancas e possui os mesmos limites legais, tais como leis sobre difamação, privacidade e direitos autorais.

De acordo com Bacelar et al (2013, p. 5), o jornalismo eletrônico é um fenômeno recente da mídia que surgiu em meio às transformações oriundas da disseminação das novas tecnologias de comunicação, sobretudo a *Internet*. (apud SQUIRRA, 1998, p. 20). Segundo as autoras,

O sucesso de Jornalismo “online” disseminou-se com rapidez e, desencadeou alterações profundas, de forma e de conteúdo (o chamado “suporte”). Se num primeiro momento resumia-se a, o que já era potencialmente revolucionário, disponibilizar na rede em formato “html”, a mesma edição impressa e com o mesmo conteúdo editorial, renovado a cada vinte e quatro horas, já permitia a concretização de um sonho do todo leitor, ou pesquisador da mídia internacional: o acesso diário a inúmeras publicações de acesso praticamente inviável, dentro dos parâmetros historicamente conhecidos como custos elevados, dificuldades e demora no recebimento das edições, etc. (BACELAR et al, 2013, p. 5).

A *Internet*, afirmam as autoras, possui características próprias e não pode ser considerada somente como um lugar de circulação das consolidadas modalidades jornalísticas – ou como elas mesmas enfatizam “jornalismo veiculado ‘na Internet’”. Trata-se de “uma mídia específica para uma nova prática jornalística, ou seja, uma nova modalidade, própria para as particularidades e as potencialidades dessa nova mídia (o jornalismo “para a Internet”)”. (BACELAR et al apud SANCHES, 1997, p. 35).

No que diz respeito aos perigos da velocidade dos atuais meios de comunicação, a jurista e professora Samantha Buglione discute a veracidade do conhecimento bem como sua banalização. A autora afirma<sup>1</sup> que uma das características do nosso tempo é a falta de profundidade, decorrente da velocidade dos meios de comunicação de massa e da alternância dos acontecimentos que são noticiados. A prova disso, segundo Buglione (2008), está no dia-a-dia: “basta uma

<sup>1</sup> Ao retomar a obra do filósofo pós-moderno Frederic Jameson.



exposição contínua à mídia que o indivíduo ganha louros de autoridade sobre qualquer assunto”. Não importa se é cantor, artista, modelo, ex-BBB ou apresentador; em algum momento será chamado a opinar sobre os mais diversos temas - violência no Rio, cotas na universidade – e a verdade, evidentemente, aparecerá. Ela complementa

[...] Todo mundo tem algo a dizer, sem dúvida, mas, cá entre nós, não dá para levar todo mundo a sério. O que devemos perceber é que a autoridade pode estar tanto na experiência de uma marisqueira quanto no estudo de uma bióloga, mas não no simples fato de estar na mídia. (BUGLIONE, 2008, p. 43).

A banalização está em adotar informação por formação. Uma rápida pesquisa num *site* de busca permite falar sobre diversos assuntos. Porém, há uma diferença significativa – “[...] Informação pressupõe agilidade e dá pinceladas sobre os fatos; formação pressupõe tempo, dedicação, estudo, experimentação, atenção”. Buglione questiona a ausência do “pré-conceito” e a presença do conceito definitivo decorrente da velocidade da informação:

[...] O ponto é que o mundo do conhecimento e da informação está tão vasto que é impossível falar sobre tudo a partir de uma posição de respeitabilidade incontestada. Acreditar que isso seja factível é uma irresponsabilidade, para não dizer estelionato intelectual.

Então, ao assistirmos a uma longa reportagem do cantor tropicalista emitindo opiniões totalizantes sobre a realidade – bem ao gosto das interpretações do Brasil do início da República –, temos as seguintes opções: 1) ficar maravilhado com o conhecimento profundo do artista sobre tudo; 2) enraivecido por darem um espaço precioso na TV para o sujeito filosofar ao invés de cantar; ou 3) na dúvida, consultamos o Lattes. (BUGLIONE, 2008, p. 51).

O resultado dessa consulta diz que, hipoteticamente falando<sup>2</sup>,

[...] O sujeito é um excelente compositor e que é virtuoso no violão, mas não fala nada de pesquisa científica, de curso em ciências humanas, de palestras assistidas, de alguma especialização, mestrado ou doutorado. Isso vale para mim e para qualquer outro articulista mais ou menos polêmico que cotidianamente ocupa preciosos espaços na mídia. (BUGLIONE, 2008, p. 55).

Ela ressalta que sempre existirá alguém para dizer “eu sou formado na escola da vida” ou “aprendi sozinho tudo o que a vida pode ensinar”. Isso não é problema, pois há democracia na Plataforma Lattes e há, também, espaço para isso, isto é, para registrar as diferentes experiências que constroem o conhecimento. No entanto, ela diz, ao ir a um médico, consultar um advogado, prestar atenção a um texto

---

<sup>2</sup> Grifo da autora.

publicado ou nas opiniões de uma celebridade sobre os problemas do mundo, faça uma pesquisa no currículo Lattes. “[...] Afinal, a gente sempre pede referência para contratar alguém, por que não para aqueles que querem nos dizer algo?”. Buglione encerra com alerta “[...] E se aquele interessante comentarista, com ar tão respeitado, não estiver lá? Bom, talvez seja prudente variar o canal e ler outras pessoas.”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A propósito, na Plataforma Lattes consta o currículo da autora.

## 2.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Existem conceitos gramaticais da língua portuguesa que realmente são muito complicados, principalmente aos olhos daquelas pessoas que estão acostumadas à linguagem cotidiana, ou seja, a linguagem falada. Para Marcos Bagno (2003, p. 38), dizer que a língua portuguesa é difícil seria um mito, porém, se analisarmos todos os conceitos e regras que coexistem em nossa gramática, perceberemos que ela é bem complexa, principalmente quando se fala de concordância.

Conforme consta na gramática de Domingos Paschoal Cegalla (2000, p. 74): “concordância é o princípio sintático, segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões com as palavras que dependem”. Adjetivos, pronomes, artigos e numerais devem concordar em gênero e número com os substantivos a que se referem; entretanto, em alguns casos, isso não acontece. Nos *Jornais Online*, por exemplo, indícios levam a crer que o deslize se dá pelo fato de serem escritos e publicados instantaneamente.

Vejamos, como exemplo, um *e-mail* que circula na *Internet* exibindo frases publicadas em alguns jornais no Rio de Janeiro. Embora impressos, esses periódicos apresentam, não exatamente erros de concordância, mas diversos problemas de coesão e coerência; em vez de inadequações de viés sintático, o prejuízo está no campo semântico. De autoria desconhecida – o que infelizmente impede de verificar a veracidade e o ano da abordagem – o material traz consigo os comentários de quem provavelmente coletou as notícias.

### **Jornal do Brasil**

“A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.”

(Na cova?)

### **O GLOBO**

“Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.”

(O frio não estava filiado ao sindicato grevista)

**EXTRA**

"Os sete artistas compõem um trio de talento."

(Hã?)

**O DIA**

"A vítima foi estrangulada a golpes de facão."

(Uma nova modalidade de estrangulamento)

**O GLOBO**

"Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável."

(De modo algum!)

**O DIA**

"No corredor do hospital psiquiátrico os doentes corriam como loucos."

(Naturalmente...)

**Jornal do Brasil**

"Ela contraiu a doença na época que ainda estava viva."

(Jura?)

**EXTRA**

"Parece que ela foi morta pelo seu assassino."

(Não diga!)

**O DIA**

"Ferido no joelho, ele  
perdeu a cabeça."

(Espera, onde foi o machucado mesmo?)

**EXTRA**

"O acidente foi no triste e  
célebre Retângulo das  
Bermudas."

(Gente, mas até ontem era um triângulo!)

**O DIA**

"O tribunal, após breve  
deliberação, foi  
condenado a um mês  
de prisão."

(E será que ele tem cela especial?)

**O DIA**

"O velho reformado,  
antes de apertar o  
pescoço da mulher até a  
morte, se suicidou."

(Seria a volta dos mortos-vivos?)

**EXTRA**

"A polícia e a justiça são  
as duas mãos de um  
mesmo braço."

(Que aberração!)

**Jornal do Brasil**

"Depois de algum tempo,  
a água corrente foi  
instalada no cemitério,  
para a satisfação dos  
habitantes."

(Água no além para purificar as almas.)

**O GLOBO**

"Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis às suas origens."

(Do pó ao pó...)

**EXTRA**

"O aumento do desemprego foi de 0% em novembro."

(Onde vamos parar desse jeito?)

**Jornal do Brasil**

"O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos."

(Quanta confusão!)

**O GLOBO**

"Quatro hectares de trigo foram queimados. A princípio, trata-se de um incêndio."

(Ah, bom achei que fosse uma churrascada!)

**EXTRA**

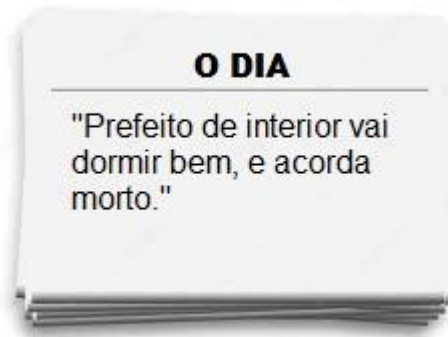
"Na chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel."

(Viu como ele é disciplinado?)

**O GLOBO**

"O cadáver foi encontrado morto dentro do carro."

(Sem Comentários)



(Acorda?)

Podemos observar os equívocos cometidos por esses jornais no momento da edição. Isso acontece, evidentemente, pela falta de revisão textual das notícias e/ou da ausência de um profissional da área. Se os delitos ocorrerem tratando-se de jornais impressos com publicações diárias, imagina os possíveis erros que podem surgir com *Jornais Online*, nos quais a publicação das notícias é instantânea.

### 2.3 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

#### ✚ **Um e outro, nem um nem outro**

Com UM E OUTRO, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito:

*“Parou um momento e, olhando para **um e outro** lado, endireitou a carreira...”*

Com NEM UM NEM OUTRO é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

*“**Nem um nem outro** livro merece ser lido.”*

Com UM OU OUTRO o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo do qual a expressão serve de sujeito:

*“**Um ou outro** soldado revidava, disparando à toa, a arma para os ares.”*

Se as expressões UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

*“Repousavam bem perto UM DO OUTRO a matéria e o espírito.”*

Não se pode aparecer a concordância com o termo referido:

*“(...) vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que **um e outra** cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega.”*

### **Mesmo, próprio, só**

Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

*Ele **mesmo** disse a verdade. Ela **mesma** disse a verdade.*

*Elas **próprias** foram ao local.*

*Nós não estamos **sós**.*

MESMO, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de PRÓPRIO, ATÉ:

*“(...) ao **mesmo** garoto se deve fazer justiça...”*

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de AQUI, JÁ, AGORA (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

*“(...) vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos **mesmo** por vaidade...”*

### **Menos e somenos**

É preciso atenção para não fazer a concordância de MENOS com o substantivo seguinte:

*Mais amores e **menos** confiança. (e não **menas**!)*

Vale a mesma observação para SOMENOS (=de menor valor):

*“Há neles coisas boas e coisas más ou **somenos**.”*



### ✚ **Leso**

É adjetivo, e não forma do verbo lesar, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de lesa-patriotismo. Por isso, há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

*“Como se a substância não fosse já um crime de **leso-gosto** e **lesa-seriedade**, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas.”*

### ✚ **Anexo, apenso e incluso**

Como adjetivos, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

*Correm **anexos** (inclusos, apensos) aos processos vários documentos.  
Vai **anexa** (inclusa, apensa) a declaração solicitada.*

❖ **Obs.:** Usa-se invariável EM ANEXO, EM APENSO.

*Vai **em anexo** (em apenso) a declaração.  
Vão **em anexo** (em apenso) vários documentos.*

### ✚ **Dado e visto**

Usados *adjetivamente*, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

***Dado** (Visto) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.  
**Dadas** (Vistas) as circunstâncias, foram-se embora.*

### ✚ **Meio**

Com o valor de “metade”, usado *adjetivamente*, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

*O Brasil tem cerca de oito e **meio** milhões de quilômetros quadrados de superfície.  
Era meio-dia e **meia** (= e meia hora).*

### ✚ **Pseudo e todo**

Usados em palavras compostas ficam invariáveis:

*A **pseudo-sabedoria** dos tolos é bem grande.  
A fé **todo-poderosa** que nos guia é nossa salvação.*

### **Tal e qual**

TAL, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

***Tal** opinião é absurda.  
**Tais** razões não me movem.*

Em correlação, TAL QUAL também procedem à mesma concordância:

*Ele não era **tal quais** seus primos.  
Os filhos são **tais qual** o pai.  
Os boatos são **tais quais** as notícias.*

❖ **Obs.:** Em lugar de TAL QUAL, podem aparecer: tal e qual, tal ou qual.

Não confundir TAL QUAL flexionável com TAL QUAL, TAL QUAL COMO invariáveis que valem por “como”.

*“Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, **tal qual como** as inglesas de primeiro sangue.”*

### **Possível**

Com O MAIS POSSÍVEL, O MENOS POSSÍVEL, O MELHOR POSSÍVEL, O PIOR POSSÍVEL, QUANTO POSSÍVEL, o adjetivo fica invariável, ainda que se afaste da palavra mais:

*Paisagens o mais **possível** belas.  
Paisagens o mais belas **possível**.  
Paisagens quanto **possível** belas.*

Com o plural OS MAIS, OS MENOS, OS PIORES, OS MELHORES, o adjetivo possível vai ao plural.

*Paisagens as mais belas **possíveis**.*

Estão erradas concordâncias como:

*Paisagens as mais belas **possível**.*

Fora destes casos, a concordância de possível se processa normalmente:

*“As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos **possíveis**.”*

*Sob todos os pontos de vista **possíveis**.*

### **A olhos vistos**

É tradicional o emprego da expressão A OLHOS VISTOS no sentido de claramente, visivelmente, em referência a nomes femininos ou masculinos:

*“(...) padecia calada e definhava **a olhos vistos**.”*

Mais rara, porém correta, é a concordância de VISTO com a pessoa ou coisa que se vê:

*“As minhas forças medravam **a olhos vistas** de dia para dia.”*

*“O barão desmedrava **a olhos visto**.”*

### **É necessário paciência**

Com expressões do tipo É NECESSÁRIO, É BOM, É PRECISO, significando ‘é necessário ter’, o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

*É **necessário** paciência.*

*É **necessária** muita paciência.*

*O fato de ser sido **precisa** a explicação.*

*Eram **precisos** outros três homens.*

### ✚ **Adjetivo composto**

Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo composto:

*Acordo **luso-brasileiro**.*  
*Amizade **luso-brasileira**.*  
*Lideranças **lusu-brasileiras**.*

### ✚ **Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom**

Em ALGUMA COISA BOA o adjetivo concorda com o termo determinado. Em ALGUMA COISA DE BOM, o adjetivo não concorda com coisa, sendo empregado no masculino (como algo de novo, nada de extraordinário, nada de trágico, etc.) Por atração, pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

*“Se os homens tivessem **alguma coisa de loucos** seriam capazes de heroísmo.”*

### ✚ **Um pouco de luz e uma pouca de luz**

Ao lado da construção normal UM POUCO DE LUZ pode ocorrer a concordância atrativa UMA POUCA DE LUZ, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: pouco de luz + pouca luz (dá-se ao fenômeno o nome de **contaminação** ou cruzamento sintático):

*“(...) e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida **uma pouca de terra**.”*

### ✚ **Concordância de pronome**

O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada. Emprega-se o pronome oblíquo **os** em referência a nomes de diferentes gêneros:

*“A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade.”*

### ✚ **Nós por eu, vós por tu**

Empregando-se VÓS em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

*“Sois **injusto** comigo.”*

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome NÓS, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

*Antes sejamos **breve que prolixo**.*

### ✚ Alternância entre adjetivo e advérbio

Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo ou pronome (variável):

*“Vamos a falar **sérios**.”*

*Vamos a falar **sério**.*

*“Os momentos custam **caros**.”*

*Os momentos custam **caro**.*

*A vida custa tão cara aos velhos quanto é **barata** para os moços.*

A distinção entre adjetivos (e pronomes) e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo (e pronome). Na língua padrão atual, a tendência nesses casos é proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de TANTO MAIS, QUANTO MENOS, POUCO MAIS, MUITO MAIS, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

*Com **quanto** mais razão, **muito** mais honra.*

*Com **quanta** mais razão, **muita** mais honra.*

Notemos, por fim, que **alerta** é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

*Estamos todos **alerta**.*

Há uma tendência de se usar esta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda que se evite tal prática. Junto de substantivo, **alerta** adquire significado e função de adjetivo:

*“A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos **alertas**.”*

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo quite. Deve-se dizer:

*Estou **quite**.*  
*Estamos **quites**.*

### **Particípios que passaram a preposição e advérbios**

Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente à preposição e advérbio – como, por exemplo, exceto, salvo, mediante, não obstante, etc. – e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer:

*“**Salvo** exceções”.*  
*“**salvo** a hipótese”.*

### **A concordância com numerais**

Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

*Página **um**.*  
*Figura **vinte e um**.*

Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com UM, UMA, a preferência atual é pô-lo no plural: **vinte e um dias**, **as mil e uma noites**, etc.

❖ **Obs.:** Na linguagem jurídica diz-se:

*A folhas **vinte e uma**.*  
*A folhas **quarenta e duas**.*

Milhar e milhão são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino:

*Os **milhares** de pessoas (e não: as milhares de pessoas).*

### **Adjetivos compostos designativos de nomes de cores**

Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

*Olhos **verde-claros**.*

*Ondas **verde-azuladas**.*

*Olhos **verdes-claros**.*

Evita-se a dúvida, precedendo o adjetivo da preposição DE ou das locuções DE COR, DE COR DE, COR DE:

*Olhos **de cor verde-mar**.*

A tendência moderna parece fixar a invariabilidade de ambos os componentes do adjetivo:

*Olhos **verde-mar**.*

*Ondas **verde-azulado**.*

*Blusas **azul-claro**.*

*Paredes **amarelo-escuro**.*

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 APRESENTAÇÃO

A coleta de dados no *site* [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br) foi realizada no período de 24/03/2006 a 11/06/2006. O levantamento de notícias do referido jornal ocorreu em dias aleatórios para que não houvesse repetição de assunto, o que comumente acontece. Durante a análise dessa página, foi possível verificar que não houve ocorrência de equívocos em Concordância Nominal.

Em razão da ausência de *corpus* para apreciação, optou-se por uma mudança de estratégia em relação ao próximo endereço eletrônico a ser investigado. Para o *site* [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br), versão *online* do jornal Diário Catarinense<sup>4</sup>, o método utilizado foi composto pela coleta das matérias publicadas em um período de dezessete dias ininterruptos, mais especificamente da coluna de esportes, direcionando o foco a um mesmo padrão textual de escrita.

Algumas ocorrências com problema de concordância chamaram a atenção, pois esses “erros” eram influentes na compreensão, ou seja, as notícias foram escritas em linguagem coloquial para facilitar a leitura; em outras passagens, utilizaram-se desta linguagem de forma proposital para que houvesse o sentido denotativo. Com isso, a pesquisa se tornou complexa em alguns momentos porque foi necessário atentar-se, não somente à gramática, mas também ao sentido que o autor/editor queria buscar. Em outras palavras, o que inicialmente se direcionava para o viés sintático acabou indo além, transgredindo para o campo semântico. Curiosamente, tal fenômeno fora previsto ao citar os exemplos de jornais impressos do estado do Rio de Janeiro – vide seção “Concordância Nominal”.

Em suma, somente em um dos *sites* pôde-se observar casos de problemas de Concordância Nominal durante a análise das reportagens; entretanto, presenciou-se, em ambos, um grande número de outras incoerências textuais, erros ortográficos e, até mesmo, erros de digitação.

---

<sup>4</sup> Na época em que os dados da pesquisa foram coletados, o Grupo RBS atuava também em Santa Catarina; a partir de 2016, passou a abranger apenas o estado do Rio Grande do Sul.



## 3.2 ANÁLISE DE DADOS

### 3.2.1 Folha Online

Conforme dito anteriormente, as matérias pesquisadas no *site* [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br) foram coletadas aleatoriamente durante o período de 24/03/2006 a 11/06/2006 e estavam disponíveis, principalmente, no *link* “Em cima da hora”. Neste *site*, a pesquisa valeu-se de 42 notícias; dentre estas, 9 continham algum tipo de erro gramatical (21%), mas nenhum de concordância nominal. Os equívocos mais frequentes estavam relacionados à pontuação, colocação das palavras nas frases, erros ortográficos e, até mesmo, erros de concordância verbal, como nos dois exemplos a seguir:

26/05/2006 - 15h41

## Cannes homenageia 100 anos de Roberto Rossellini

da **Ansa**, em Roma

**Passaram-se** exatamente 60 anos desde que "Roma, Cidade Aberta" começou, aqui em Cannes, a sua viagem triunfal pelo mundo do cinema com o rótulo de obra-prima absoluta e, também, como um dos filmes fundadores do neo-realismo italiano.

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60837.shtml>

Percebe-se neste caso um erro de Concordância Verbal. Verbos impessoais são conjugados apenas na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. No exemplo acima, trata-se do verbo *fazer* quando indica tempo decorrido; e, quando se fala de tempo, o verbo não é conjugado.

24/03/2006 - 10h33

## Papa Bento 16 ordena quinze cardeais

da **BBC Brasil**

O papa Bento 16 adicionou mais 15 cardeais ao Colégio de Cardeais nesta sexta-feira, dizendo a eles durante a ordenação que contava com eles para espalhar amor e caridade no mundo.

Entre os novos cardeais que receberam o chapéu de três pontas das mãos do papa na Basílica de São Pedro, em Roma, estão Joseph Zen, de Hong Kong, um crítico do governo chinês; o polonês Stanislaw Dziwisz, que foi secretário particular de João Paulo 2º e o arcebispo de Caracas, Jorge Liberato Urosa Savino.

Savino tem uma reputação de não se envolver com política e é um dos poucos religiosos na Venezuela que se **mantêm afastados** da oposição ao presidente Hugo Chávez.

Continua...

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51976.shtml>

Se Savino é sujeito simples, por que a concordância está no plural? Logo, ele “é um dos poucos religiosos que se *mantém afastado*”. Na construção acima, a forma verbal faz referência ao termo “poucos religiosos” e não a “Savino”, porém tal concordância não soa bem aos ouvidos de quem lê.

### 3.2.2 ClicRBS

Infelizmente, nesta página, não foi possível acessar novamente as notícias e realizar os *prints* – e conseqüentemente informar o *link* de acesso – como fizera acima com a Folha Online. O *corpus* para esta pesquisa foi levantado anteriormente à mudança ocorrida no Grupo RBS, que atuava, com exceção do Paraná, nos dois estados do Sul; atualmente, a filiada da Rede Globo passou a operar somente no estado do Rio Grande do Sul e, provavelmente, perdeu-se o arquivo digital de Santa Catarina. Por esta razão, as ocorrências analisadas serão expostas em forma de excertos e digitadas no corpo do texto.

Levando-se em conta a Gramática Normativa, que apresenta um conjunto de regras relativamente explícitas e coerentes a fim de produzir, como efeito, o emprego da variedade padrão, encontrou-se uma sucessão de problemas após a análise do

conteúdo de cada reportagem. Trata-se de erros que permearam as concordâncias nominal e verbal, erros ortográficos, erros de digitação, regência verbal, entre outros. Dentre os problemas observados, os exemplos a seguir foram os escolhidos.

“Nem pisou no gramado.”

(Conteúdo exibido no dia 01 de junho de 2006. Edição nº 7353).

Por ser transitivo direto, o verbo *pisar* pede um objeto direto; logo, o correto é dizer: Nem *pisou o gramado*.

“Agora, o Mineiro é que vai arrumar o time, ele é muito bom jogador.”

(Conteúdo exibido no dia 02 de junho de 2006. Edição nº 7354).

O sujeito *Mineiro* deveria estar representado pelo pronome relativo *quem*; então, neste caso, seria mais apropriado: o Mineiro é *quem* vai arrumar o time, ele é muito bom jogador.

“Cafu – Muito, muito frágil, não. É importante saber que não vamos atacar com sete. Vamos deixar a responsabilidade de ataque para os quatro da frente e os demais vão ficar na marcação, principalmente eu e o Roberto Carlos.”

(Conteúdo exibido no dia 03 de junho de 2006. Edição nº 7355).

Encontra-se aqui um erro comum da linguagem verbal: colocar o falante em primeira posição quando deveria ser o último. Mesmo em se tratando de uma entrevista, sabe-se que os erros gritantes são corrigidos pelos editores do jornal antes de concluir a matéria. Ou, do contrário, eles utilizariam as aspas para marcar a fala tal qual foi dita pelo entrevistado. O correto, portanto, deveria ser: principalmente o Roberto Carlos e eu.

“O jogo será transmitido pela RBS TV e, a princípio, o time do técnico Carlos Alberto Parreira será o mesmo que entrou em campo diante de Lucerna.”

(Conteúdo exibido no dia 04 de junho de 2006. Edição nº 7356)

A palavra *princípio*<sup>5</sup> pode significar *início, começo* – por exemplo, o *princípio* do universo – ou *regra, preceito* (como em *princípios* religiosos). No caso das expressões *a princípio* e *em princípio* há uma diferença: o primeiro significa *no início*, sendo que o segundo significa *conceitualmente, de maneira geral*. Sabe-se que, neste caso, o certo é dizer “em princípio”.

“E quem do Brasil o fascina mais?

- Ronaldinho Gaúxho, claro.”

(Conteúdo exibido no dia 05 de junho de 2006. Edição nº 7357)

Neste exemplo, há um erro de digitação uma vez que o correto é “Gaúcho” e não “Gaúxho”. Nem mesmo há regras para explicar tal erro; o responsável pela matéria não se deu conta, passou despercebido pelo revisor e aquele foi para a *Internet* sem ser corrigido.

“Foi melhor que a Costa Rica, de Alexandre Guimarães, mas, sem o meia Michael Ballack, lesionado, foi difícil evidenciar grande superioridade no confronto, válido pelo grupo A.”

(Conteúdo exibido no dia 10 de junho de 2006. Edição nº 7362).

Aqui o “erro” de concordância está de acordo com o uso pragmático, isto é, para concordar com a palavra *meia*, deveria ser empregado o artigo “a”; porém, neste excerto, faz-se referência à posição do jogador: meia-lateral ou meia-esquerda.

“O Brasil é o maior vencedor de Copas: conquistou cinco delas, foi vice outras duas vezes. Mais: em nenhuma destas conquistas, na verdade em nenhuma das 17 Copas já disputadas desde 1930, o Brasil estreou com tamanho favoritismo”.

(Conteúdo exibido no dia 13 de junho de 2006. Edição nº 7365).

<sup>5</sup> Fonte: <http://noticias.universia.com.br/destaque/especial/2011/08/02/852959/15/duvidas-e-dicas-portugues/duvidas-portugues-principio-principio.html>

No exemplo acima, usaram o vocábulo *mais* – advérbio de intensidade – no lugar de *mas* – conjunção adversativa que indica uma relação de oposição. E, neste caso, a ideia anunciada é de contraste; logo, opta-se pela conjunção.

“Meia salvou a estréia do brasil, com gol de fora da área.”

(Conteúdo exibido no dia 14 de junho de 2006. Edição nº 7366).

Verifica-se aí mais um exemplo da falta de atenção dos revisores/editores do jornal *online*; sendo um substantivo próprio, *Brasil* jamais poderia estar escrito com letra minúscula.

“- O time deles (Croácia) estava marcando bem, mas quando eles cansaram a coisa ficou um pouco mais fácil para nós”.

(Conteúdo exibido no dia 14 de junho de 2006. Edição nº 7366).

O uso da vírgula é importante porque pode influenciar no sentido da frase bem como evitar ambiguidades. De maneira geral, os sinais de pontuação contribuem para a sintaxe ao organizar os elementos de uma oração/frase ou de um período. No exemplo acima, a oração subordinada adverbial temporal deveria estar isolada por vírgulas: “mas, quando eles cansaram, a coisa ficou [...]”. A ausência da vírgula deixou a frase/período com duplo sentido (ambíguo): afinal, eles cansaram a coisa ou foram eles que ficaram cansados?

Nesta questão, cabe uma ressalva. É errôneo afirmar que a pontuação é responsável pela “pausa na fala e entonação de voz”; estas características estão muito mais voltadas ao ritmo de leitura de cada leitor. Tampouco que, na escrita, “reproduzem nossas emoções, intenções e anseios”<sup>6</sup>; são as construções linguísticas próprias de cada autor que fazem isso. Afinal, o que emociona mais: uma bula de remédio ou um poema de Drummond? Não é a pontuação que provoca a comoção e sim a estilística e o léxico inseridos no discurso de quem escreve.

<sup>6</sup> Acredite, lê-se e ouve-se muito disso por aí.

“Na segunda etapa, a equipe de Sérvia e Montenegro chegou a ensaiar uma reação. No entanto, a empolgação da equipe balcânica acabou quando Kezman foi expulso por jogo violento”.

(Conteúdo exibido em 17 de junho de 2006. Edição nº 7369).

A concordância, neste caso, está correta porque *Sérvia e Montenegro* é um nome composto; além disso, o verbo *chegar* concorda com o sujeito *equipe*, sendo que *de Sérvia e Montenegro* é uma locução adjetiva. Entretanto, sabe-se que, atualmente, Sérvia e Montenegro estão separadas e representam nações distintas; logo, se fosse dito com este sentido, ficaria: “Sérvia e Montenegro chegaram [...]”.

“Tevez superou dois zagueiros sérvios, uma deles com um toque entre as pernas, e tocou com consciência na saída do goleiro, para marcar o quinto gol. Messi, depois de receber lançamento em profundidade, marcou o sexto e encerrou a goleada”.

(Conteúdo exibido em 17 de junho de 2006. Edição nº 7369).

Houve um problema de concordância ou, até mesmo, de digitação, pois “uma deles” está se referindo aos dois zagueiros; portanto, sendo, obviamente, substantivos masculinos, deveria ser: *um deles*.

Em síntese, tendo em vista as ocorrências aqui transcritas e analisadas, pode-se perceber que há uma gama de inadequações gramaticais presentes no gênero textual *Jornal Online* e que, diferentemente da hipótese levantada inicialmente, os erros de concordância nominal não são soberanos. Os deslizes cometidos pelo Diário Catarinense quanto à digitação, por exemplo, são totalmente aceitáveis se levarmos em consideração o conhecimento prévio do leitor acerca do assunto; em outras palavras, se ele está a par do contexto da notícia, conseguirá facilmente compreender o conteúdo sem comprometimento de sentido. Nos demais casos, como no uso da vírgula, o texto acabou comprometido e causando, sobretudo, ambiguidade na matéria.

### 3.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

- ❖ De que forma um erro de concordância, ou de outra natureza, pode influenciar na interpretação do leitor?

Sabe-se que o conhecimento de conceitos gramaticais é muito restrito por parte da população. Devido a isto, muitas vezes, acontecem alguns desentendimentos em certas contextualizações. No entanto, é importante saber de qual termo está se falando, como no exemplo: *“Foi um olhar, uma piscadela, um gesto estranho”*, afinal o que foi estranho, o olhar, a piscadela ou o gesto? Os três de uma vez? Na verdade, não se sabe. Em expressões como esta, a dúvida é constante.

Nas frases *“Termos e regras complicadas”* e *“Termos e regras complicados”*, saber qual é o sentido que está sendo empregado acarretará mudança no entendimento dessas frases. Na primeira, as regras são complicadas. Na segunda, os dois são complicados.

- ❖ De que forma o erro de concordância nominal, no gênero textual em análise, vai influenciar na compreensão do leitor?

Os leitores que buscam informações em jornal *online* são, comumente, pessoas que não dispõem de tempo para ler o jornal impresso e que, de forma rápida, acessam as páginas de seu interesse específico; por exemplo: um empresário, que gosta de estar atualizado quanto às notícias de política e economia, acessará exclusivamente *links* que trarão informações de seu interesse. Seguindo essa premissa, o leitor já traz consigo uma bagagem de conhecimento de uma determinada área, o que facilita a compreensão do texto mesmo contendo algum erro.

No entanto, entende-se que existem erros de concordância, ou de outra natureza, que dão margem para outro significado – não aquele pretendido – e, a partir disso, a compreensão vai depender do grau do erro e, igualmente, da percepção do leitor.

- ❖ Como poderiam ser evitados os “erros” de concordância nominal, ou de natureza distinta, frequentes em *Jornal Online*?

Os erros de concordância nominal, além de outros, poderiam ser evitados se houvesse uma especialização e/ou capacitação por parte dos responsáveis pela revisão desse tipo de informação. Conforme dito anteriormente na prefação, os profissionais que trabalham na área são poucos e, para piorar, são mal remunerados. Há, também, aqueles que não possuem formação na área de Letras e que não estão devidamente preparados.

Outro fator prejudicial é o ambiente em que estão inseridos. A falta de tempo dificulta muito o desempenho dos revisores, pois o período destinado à execução da tarefa é muito breve. Contudo, com um número maior de profissionais especializados e bem remunerados trabalhando, provavelmente o problema diminuiria.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término da presente averiguação provocou um sentimento dúbio. Se, por um lado, o descontentamento é oriundo de resultado insatisfatório, uma vez que não se atingiram os objetivos (ou parte deles), por outro, a escassez de ocorrência permitiu um olhar positivo sobre a escrita praticada nos periódicos avaliados. Afinal, mesmo com a velocidade em que a notícia é postada, cujo objetivo visa sempre ao número de acessos, existe – do ponto de vista da escrita – um aparente cuidado na construção da notícia.

Dando continuidade à refutação das hipóteses levantadas, foi possível observar que, de maneira geral, os jornais detêm uma prática de revisão textual sob a óptica gramatical antes da efetivação da postagem, sobretudo se considerarmos a frequência de ocorrências observadas durante a análise. Tendo em vista a veiculação instantânea da notícia, o risco de imprecisão e deformidade da informação foi insignificante. Em resumo, verificou-se uma frequência de 20% de problemas nas matérias coletadas: a cada 10 notícias, 2 continham algum tipo de deslize.

Embora a pesquisa realizada com o gênero textual jornal *online* não tenha obtido o sucesso desejado quanto aos erros gramaticais, a investigação mostrou-se pertinente. Se o resultado não foi o esperado, uma vez que o número de erros voltados à Concordância Nominal – objeto de discussão – foi mínimo, logo constata-se que ambos os jornais não possuem os tropeços gramaticais aguardados. Isto, de certa forma, foi agradável enquanto pesquisador e eterno estudante de Língua Portuguesa.

Mesmo sendo de natureza plausível cogitar os eminentes fatores que influenciam para que os desvios de escrita aconteçam na edição do jornal *online*, não surpreende que essas irregularidades possam ser imperceptíveis pela maioria dos leitores. Apenas apontar erros ortográficos e gramaticais, ou determinar o que corrigir, ou ainda adotar medidas básicas momentaneamente para solucionar o problema não é o bastante. Além disso, é preciso considerar outros aspectos que contribuem para a qualidade de um texto, como clareza, objetividade, emprego de expressões adequadas ou riqueza de vocabulário.

Sob o viés pedagógico, a metodologia empregada neste trabalho revelou-se ser de grande potencial para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no contexto escolar, tendo como elemento de estudo a Concordância Nominal. É visto que trabalhar e analisar todo e qualquer tipo de gênero textual, nesta perspectiva, permite a compreensão do gênero em si bem como sua composição estrutural e características linguísticas. E por que não ir além da disciplina – dita responsável pela formação do indivíduo leitor/escritor – e estender igualmente a outras disciplinas?

Ainda no contexto luso-curricular-escolar, essa transposição didática é totalmente viável à medida que se planeje as aulas, conciliando, sobretudo, as indigências de ensino e os desejos de aprendizagem dos estudantes. Feito isso, é possível identificar uma potencial situação-problema que culmine num ponto de partida relevante e suficientemente abrangente para desenvolver com eles esta prática pedagógica. Um dos objetivos fundamentais do ensino de Língua Portuguesa é “dominar a língua”; entretanto, este domínio não se refere somente à perspectiva gramatical, mas ao uso da própria linguagem. Em outras palavras, considerando a condição social do homem, tal domínio resulta na corroboração e eficiência da comunicação. Para isso, é preciso entender as diferentes formas de comunicação e o quão essencial ela é para o homem.

O *Jornal Online* é um subgênero – já que migra do gênero jornal – que pode ser aplicado assim como fora feito nesta proposta. O estudo de caso dar-se-ia a partir de Sequências Didáticas, resultando na elaboração e execução do projeto. Por exemplo, inicialmente mostrar aos alunos o conceito do (sub)gênero e suas diversidades; em seguida, após a exposição do material sobre frases publicadas em alguns jornais no Rio de Janeiro, supracitado nas seções anteriores, relatar os delitos que ocorrerem em jornais impressos e instigá-los acerca dos possíveis erros que possam surgir em *Jornais Online*, já que nestes as notícias são instantâneas; por conseguinte, dividir a turma em grupos tais qual fica encarregado de acessar um *site* jornalístico para leitura e discussão; como último passo, expor as evidências encontradas e, finalmente, partir para a revisão textual. Obviamente, cada procedimento em dias/aulas diferentes.

Conclui-se, como resultado deste segmento, que é possível trabalhar a Língua Portuguesa em sala de aula a partir de gêneros cujo suporte esteja mais próximo da realidade do aluno. Neste caso, um estudo gramatical visando à Concordância Nominal em textos jornalísticos, com o auxílio dos meios de comunicação e, principalmente, o suprimento da informática e sua velocidade de modernização. Desta forma, rompe-se com o método tradicional de ensino abstrato da gramática, inserindo, ao mesmo tempo, a escola no ambiente discente contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. **A autoria institucional nos editoriais de jornais**. Alfa, São Paulo, 50 (1): 77-89, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BACELAR et al. **O Gênero textual Notícia: do jornal impresso ao on-line**. Minas Gerais. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 27ª ed. São Paulo: Loyola, 2003. 186 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1999.
- BUGLIONE, Samantha. **Está com dúvida? Consulte o Lattes!** Jornal A Notícia, Santa Catarina, p. A2 - A2, 29 jan. 2008.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CLICRBS. Rio Grande do Sul: Grupo RBS, Diário. Disponível em: < <http://www.clicrbs.com.br/> >. Acesso em: mar a jun. 2006.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748 p.
- DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. 107p
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, Diário. Disponível em: < <http://www.folha.uol.com.br/> >. Acesso em: mar a jun. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 165 p.

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

LÉVY, Pierre . **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Porto Alegre. 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.B.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. 95 p.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Ensino Fundamental e Médio**. Florianópolis, SC: COGEN, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999. 191 p.